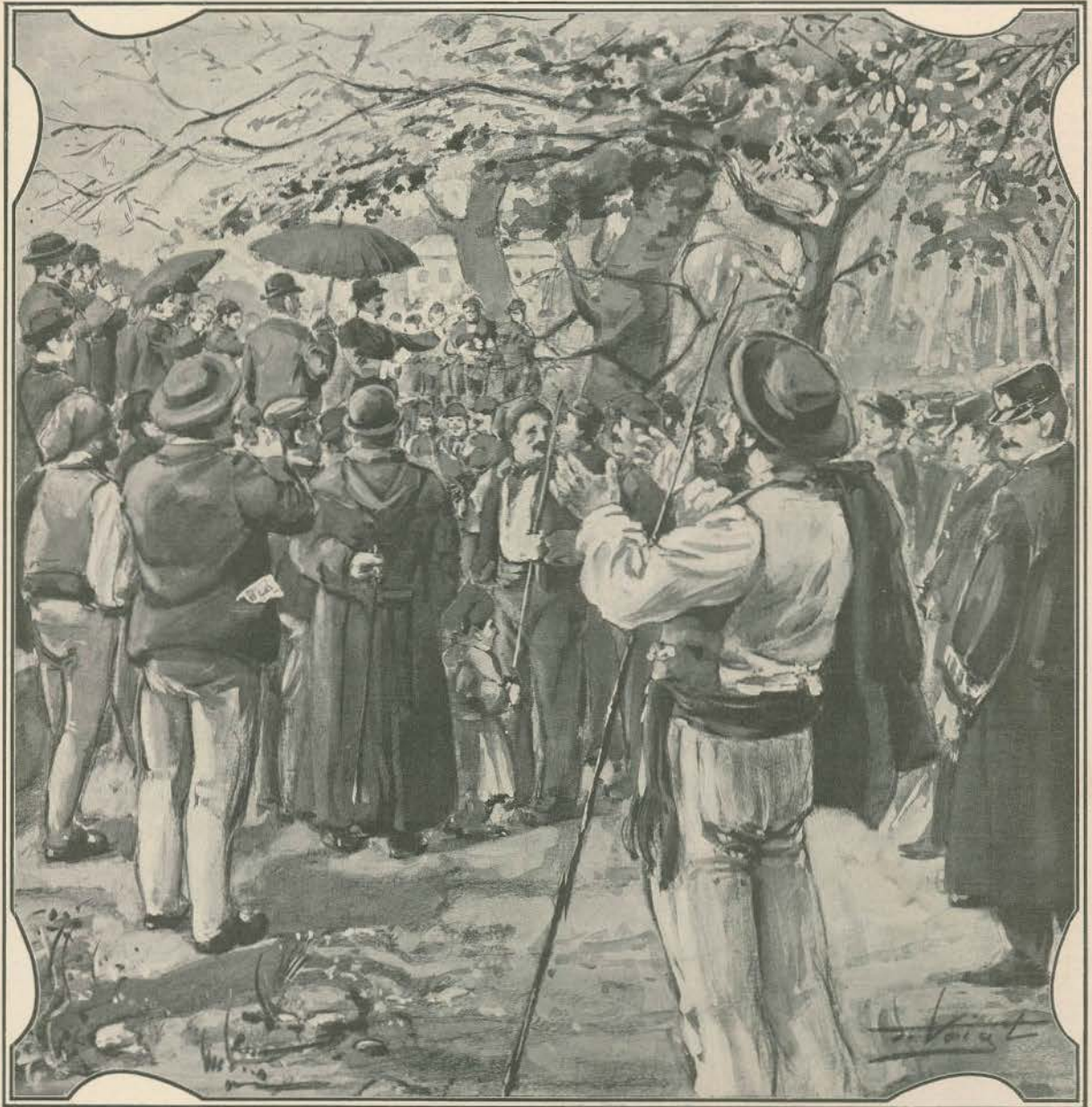
ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão —Rua Formosa, 43 —*LISBOA*

PRIMEIRO ANNO | *SEGUNDA FEIRA, 25 DE JANEIRO DE 1904* | *NUMERO 12*

O COMICIO DE PROTESTO CONTRA A NOVA CIRCUMVALLAÇÃO DA CIDADE, REALISADO EM 17 DE JANEIRO NA CHARNECA, NA QUINTA DO ALTO, PERTENCENTE AO SR. D. ALEXANDRE DE SOUZA

Tendo sido augmentada consideravelmente a area de Lisboa, os povos das localidades que pela nova lei ficaram pertencendo á cidade, realisaram diversos comicios, dos quaes o mais importante foi o da Charneca. Usaram da palavra n'esta reunião, os srs. Padre José Gonçalves Sanches, José Domingos Ribeiro, José Ignacio Dias da Silva, Marianno Antonio, Alexandre José dos Santos e Vasco Gaiamito, sendo resolvido que se entregasse a S. M. El-Rei uma representação na qual se mostram os inconvenientes da nova circumvallação.

CHRONICA

Carta aberta: Janeiro

Meu velho: A tua visita não é agradavel a ninguem e muito principalmente n'este anno. E's o mez conselheiral que veste de geada, que traz nos olhos um cio felino e nas guellas a parlapatice parlamentar: és o mez dos defluxos e das decimas relaxadas. E's um Calixto, oh! janeiro!

Tu não tens céus polychromos como maio, nem poentes estirados de purpura e d'ouro como junho, não tens searas maduras nem rosas a crescer, nem abelhas a zumbir, nem moçoilas a cantar no meio dos trigaes, córadas e felizes: tu escondes a terra n'uma mortalha de nevadas e occultas os contornos gracis dos corpos femininos em pellerinas guedelhudas. Não deixas que se vistam as blusas claras e leves, nem deixas vôar os passaros pelas madrugadas: não tens piedade dos pobres nem tens para os obreiros auroras de paz!

E's um ruim mez, janeiro, com o teu céu de chumbo, pardo, céu londrino, no qual, se o sol espreita, é um sol doente, desfallecido, um sol anemico, indigno de Portugal.

Não contente com isto, meu velho, ainda trouxeste este anno as propostas de fazenda, essa manta tecida pelo Estado para cobrir a cidade enorme nos aros da nova circumvallação.

Meu pobre Janeiro: eu conhecia-te pelo teu aspecto avelhentado, ancestral e rabujento; sabia que eras o mez em que as creanças não descem a brincar nos jardins e em que as borboletas não se atrevem a vôar; mas não sabia d'essa tua qualidade de *jettatore*, feito para trazer ao mundo o mal e só o mal com a sua presença.

Tinha a teu respeito a ideia de que eras como um gnomo lendario, d'esses que povoam as florestas da Silesia e andam nas balladas germanicas com os seus capuzes forrados de martha zibelina, com os narizes vermelhos, corcovados, anões; imaginava-te assim truanesco e frio com um riso d'aço e com um olhar de gelo, mas suppunha-te tambem levemente bom, pois que trazes o Anno Novo e os Santos Reis!

Não me lembrava, janeiro, que a 22 do teu decorrer é dia de S. Vicente, o protegido dos corvos de negras azas e bicos agudos, aves de chachina e de agouro: talvez por isso não te podes endireitar jámais, oh janeiro, que annunciaste as propostas de fazenda, a epidemia peor de todos os tempos, peor que o vomito negro e peor que o cholera!

Sabes acaso o que ellas são?! Não sabes! Tu não ouves cousa alguma, embebido como andas no miar amorudo dos gatos pelas tuas frias noutes, tão frias que parecem crystallisar os astros.

Não ouves mais nada, não sentes como se clama nos limites da velha Lisboa que viste estreita, virginal e cingida n'um cinto alvo de muros, quando menina e moça, ahi pelos tempos do rei Fernando, não sentes como se brada, como se armam tribunas, se improvisam oradores e se realisam comicios ao cabo de longos trabalhos?!

São contra ti, só contra ti oh! mez, que trouxeste o alargamento da cidade, que vieste não só com a neve e com as festas, que custam caro, e com o parlamento, que mais caro custa ainda, mas que trouxeste tambem nas tuas saraivadas milhares de addicionaes, de impostos novos, de miserias novas, de tremendos encargos.

São contra ti, mez perfido, que inhibes os pescadores de lançarem as suas redes e os pastores de irem ao monte levar os gados, que corôas de neve as casas e nem mesmo poupas as cathedraes altas, rendilhadas, onde Deus tem o seu lar e onde se guardam as hostias santas, diaphanas e mais puras que esse gelo cahido das alturas nos teus dias.

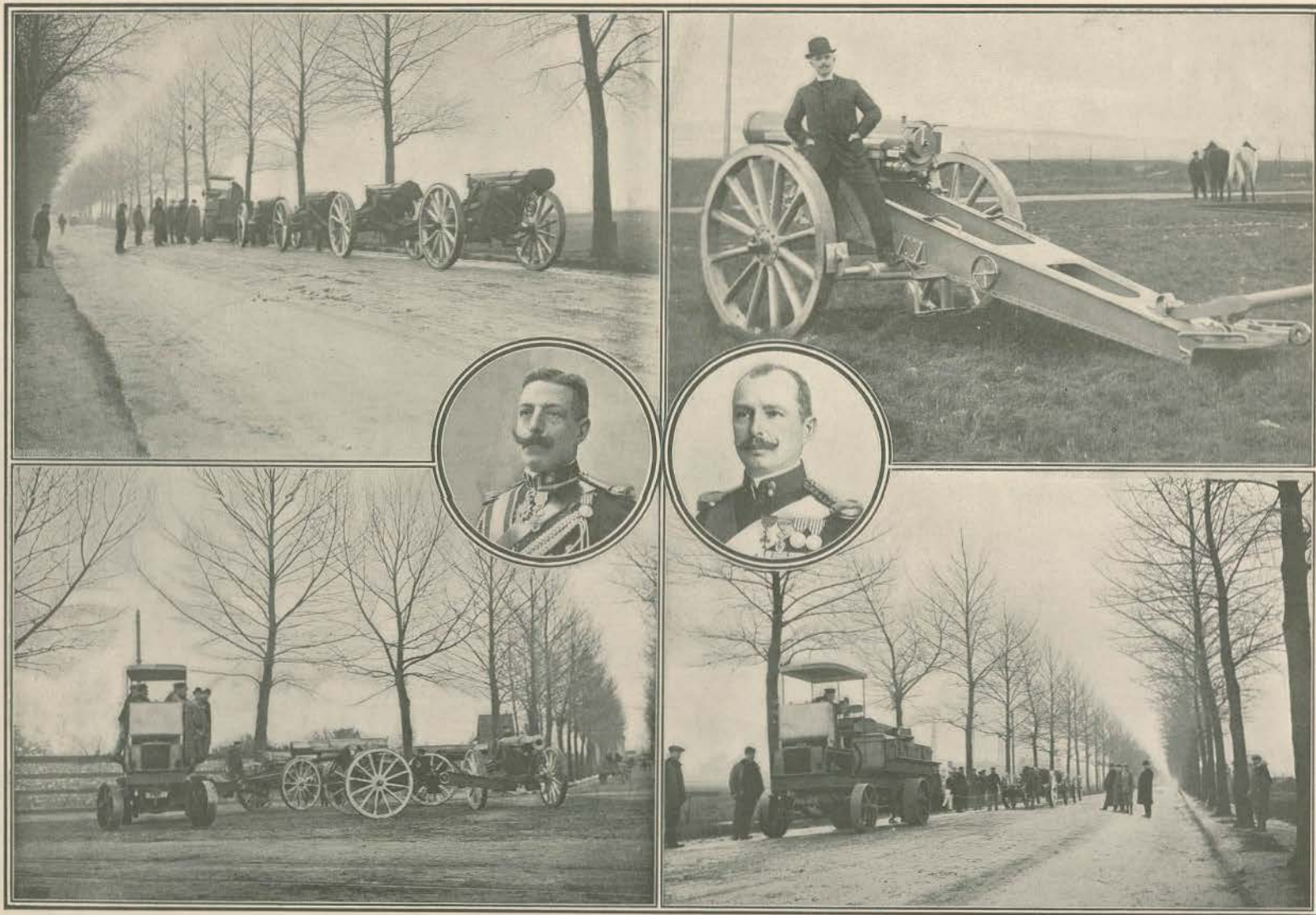
Como primeiro mez envenenas a obra dos outros todos, fazes com que não nos pareçam lindas as manhãs de junho e as rosas de maio e as tardes outomnaes e as searas e os fructos, porque vieste logo de entrada com a peçonha das propostas que te fazem importuno e mau, oh! janeiro, cujo olhar é de aço e cujo riso é de gelo!

Nós já aguardamos o teu successor, fevereiro, com a bocca amargurada no fel d'esses impostos novos que tu annunciaste e que nos fazem saber mal o pão.

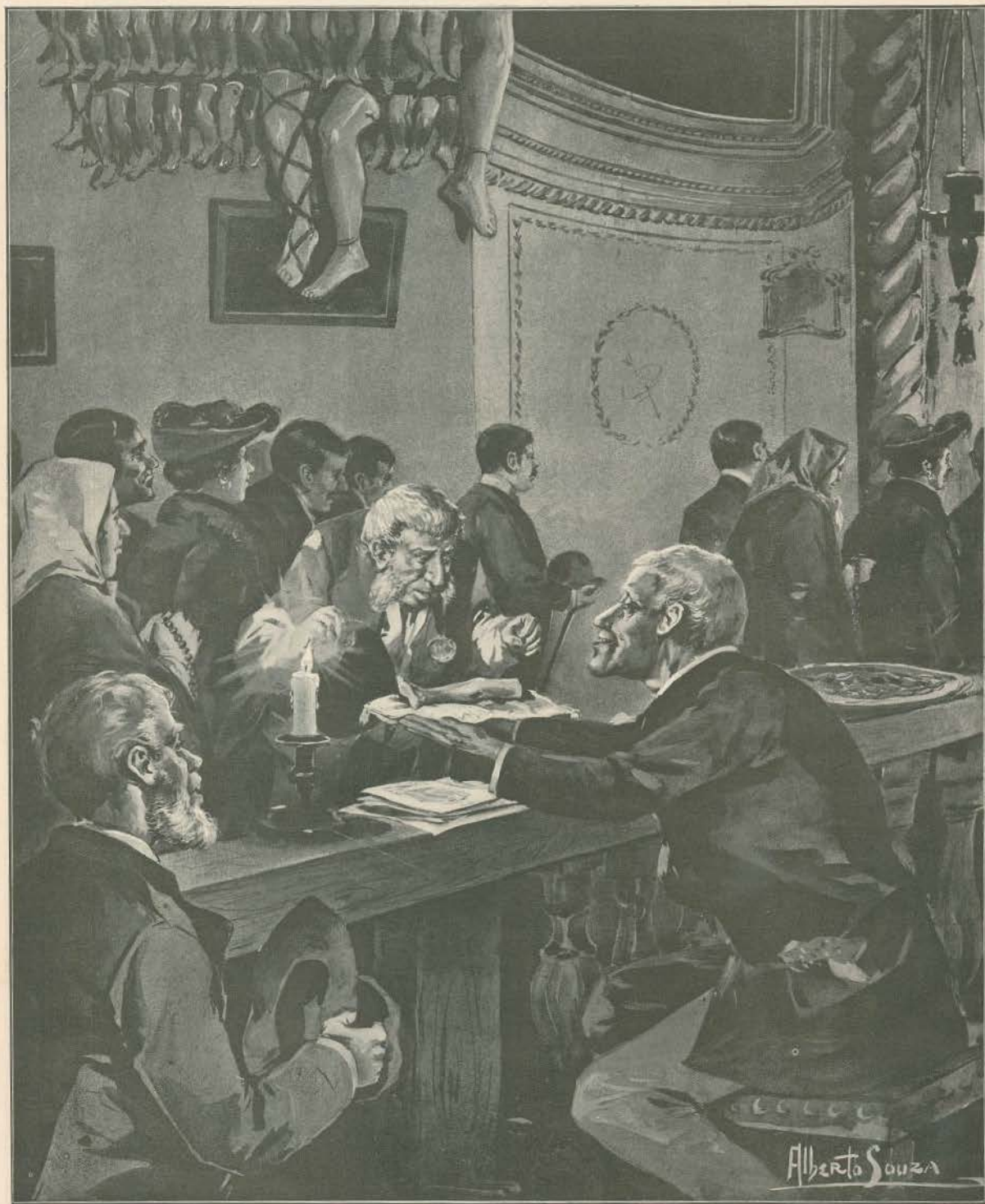
Vae-te, pois, janeiro, com os teus gatos e com todos os diabos, eis o que do coração te desejo, por aquelles que te queriam vêr riscado do calendario.

ROCHA MARTINS.

A GREVE DOS OPERARIOS METALLURGICOS DA EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA
O PORTÃO DA FABRICA — A POLICIA VIGIANDO OS OPERARIOS EM FRENTE DA RUA DA INDUSTRIA — UM GRUPO DE GREVISTAS

A INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DE SANT'ANNA A VENDAS NOVAS
UM ASPECTO DA ESTAÇÃO DE SETIL ANTES DA CHEGADA DO COMBOIO

A BATERIA-AUTOMOVEL D'OBUZES SCHNEIDER-CANET-BOCAGE — CHEGADA DO HAVRE EM 17 DE JANEIRO PARA O CAMPO ENTRINCHEIRADO DE LISBOA

A bateria automovel a caminho d'Harfleur—O capitão d'artilharia Eduardo Pellen no polygono d'Hoc, assistindo ás experiencias das baterias d'obuzes — O sr. coronel Roma du Bocage, inventor do tractor das baterias — O sr. capitão d'artilharia Eduardo Pellen, que vigiou a construcção do tractor. — A bateria automovel dando a volta no *Rond-point de la Brecque*, proximo d'Harfleur. —No *boulevard* Sadi-Carnot, proximo do Havre o tractor fazendo trabalhar o guincho. A bateria construida no Havre na casa Schneider, é constituida por quatro obuzes que são deslocados por meio de um tractor automovel, cuja invenção pertence ao sr. coronel Carlos Roma du Bocage.

O tractor pesa cerca de 7:000 kilogrammas, podendo transportar 5:000 kilogrammas, além de 12 homens para as respectivas manobras. Cada bocca de fogo leva 16 tiros armazenados no tractor, com as ferramentas. A velocidade media do automovel, segundo as experiencias ultimamente realisadas, é de 10 kilometros por hora, o que permitte uma rapida mudança de posições á artilharia. A todas as operações da construcção, mesmo á do fabrico do aço, assistiram os srs. coronel Bocage e o capitão d'artilharia Eduardo Pellen.

A ROMARIA DE SANTO AMARO: O BEIJA-PÉ

Esta romaria do santo advogado das fracturas das pernas e dos braços, que se realisa em 15, 16 e 17 de janeiro, é muito concorrida pelos membros da colonia gallaica. Ha bailados e descantes no terreno junto á capella do logar que tem o nome do santo perto da Junqueira: faz-se ali grande venda de pinhões, e armam-se barracas em volta do largo, fazendo-se uma pequena feira.

A ROMARIA DE SANTO AMARO — OS VENDEDORES DE COMIDAS AO AR LIVRE

A ROMARIA DE SANTO AMARO — UM VENDEDOR DE PINHÕES

HABITAÇÕES ARTISTICAS

Digressões e visitas

Casa do sr. Conde de Sabrosa.

Por vezes saio d'estas minhas visitas com um profundo desgosto por não poder reviver n'estes artigos aridos tudo o que os meus olhos viram, tudo com que o meu espirito calmo se extasiou, porque impossivel me é referir com uma exactidão absoluta, como esta secção o exige, certas habitações que me não canço de admirar.

Mais que de nenhuma outra, sahi ha dias de casa do Conde de Sabrosa com essa especie de tedio que explicava o azedume por não poder transplantar para aqui a impressão integra, que eu senti durante o meu passeio pelos salões d'aquelle palacete, cujo interior está rica e artisticamente decorado.

ENTRADA PRINCIPAL

O Conde de Sabrosa é um fervente colleccionador que se compraz em percorrer os nossos melhores leilões, augmentando assim a valiosa serie de quadros, a que nos referimos especialmente, por serem os quadros, entre tanta preciosidade de mobiliario de epocas extinctas, se não a mais bella pelo menos a mais numerosa *suite*.

Não cabe, positivamente não cabe, para aqui derivar tudo o que vimos; por isso, fazemos o relato do que a nossa memoria, por vezes traiçoeira, não conseguiu apagar. Longas são tambem certas notas que tomámos no imprescindivel *carnet* de chronistas *à la minute*, porque impossiveis se nos tornariam certos pormenores de reportagem se não contassemos com o auxilio das annotações surprehendidas no momento das visitas.

UM AVIARIO

*

O palacete do Conde de Sabrosa fica na Avenida, lá no alto, com a sua fachada abrindo para o parque Eduardo VII, n'um recorte de rua desguarnecida d'arvores, e, na linha extrema do horisonte, por entre a nevoa, o biombo de montanhas escalvadas.

Dia tristissimo d'inverno aquelle em que fomos visitar o palacete Sabrosa: ceu côr de chumbo, presago, ameaçador, e durante o trajecto a nortada silvando impiedosamente por entre troncos nús d'arvores decrepitas. E' o inverno que as despe, que as balouça como traves de forca; esguelhadas estas, sinistras e fantasmaticas aquellas; quando, como n'este dia, o ar, o ceu, a côr da atmosphera, tudo se allia para entenebrecer o nosso espirito, dando-nos preturbações e intranquillidades.

SALETA LUIZ XVI

OUTRO AVIARIO NO JARDIM

Estamos no escriptorio do rez-do-chão. O Conde de Sabrosa vem ao nosso encontro:

— Julgava que não viria—ironisa.

Desculpas, ainda a recorrermos ao dia tempestuoso como salvaguarda d'um fiasco, e logo a conversa se inicia, referindo nós impressões colhidas em ultimas visitas, e o nosso amavel interlocutor a dizer-nos as tendencias do seu espirito, a historia das suas collecções, o fervor impaciente com que as vae augmentando, a resignação com que por vezes as sente improgressivas e paradas, outras vezes o seu progredir lento, como se fosse apenas um amador banal de cousas d'arte.

Pelas janellas d'aquelle amplo salão confortavel entra uma luz transida de melancolia, mas os perfis louros, d'um louro flavo de duas creanças enchem esta nossa funda amargura atavica, que a invernia despertara, de clarões de graça, d'esperança e de innocencia. A *bambina*, 12 annos talvez, traz a sua juvenilidade ponderada, passa como uma senhora, grave e austera, reprimindo os impetos, em contraste com seu irmão, irreflectido e louro, que anda em correrias pelos salões, rindo, saltando, indo e vindo, alegre, vivo, cheio d'essa indocilidade das creanças saudaveis, d'essa indocilidade que constitue todo o seu encanto.

ESCRIPTORIO DO SR. CONDE

Aqui começa a collecção dos quadros, alguns obtidos no leilão d'essa maravilha d'arte que era o Palacio Fóz; uma scena do Minho, deliciosa de côr, do miniaturista Leonel, que outras obras assigna; dois quadros de Annunciação, um de Christino, de Pietro, e sobre um delicioso contador de charão, jarras e castiçaes. Um armario de talha antigo põe uma mancha escura n'um dos recantos: trabalho curioso este, lembrando esses velhos armarios outr'ora perdidos por egrejas, e que hoje constituem tambem perdidos espolios. Este escriptorio tem ainda espelhos D. JoãoV, talha e boiões da China, e em torno á ampla meza do trabalho cadeiras Luiz XIV.

SALA DE FUMO

*

Estamos agora na vasta casa de jantar, cujas portadas abrem sobre o jardim, onde as creanças brincam despreoccupadas e felizes.

Ao fundo dois grandes armarios hollandezes, um de 1646, estão harmonicos com toda a sala forrada a carvalho do norte. Ainda vimos tres buffetes de torcido sobre os quaes ha pratos antigos, louças de Saxe, Sevres, India, China, castiçaes Luiz XV, um gomil e bacia Luiz XVI, e motivos ornamentaes sobre os altos silhares. Na parede: um delicioso quadro de Jimenez, n.º 20 da collecção Dauplas, e um outro, de natureza morta, da collecção Fóz, e que dizem attribuido a Sneyders.

A sala é illuminada por um precioso candieiro de ferro forjado, muito artistico nas linhas, e producto da nossa industria nacional.

Sobre os armarios hollandezes estão fantasias da China e louças de Flight e Berr.

A sala contigua, de conversação, tem um lindo fogão

SALA DE JANTAR

SALA LUIZ XV

SALA DE VISITAS

do talha, columnas egualmente de talha, um armario hollandez, uma preciosa terrina da China (do leilão Foz). O sr. Conde elucida-nos:

— E' um dos exemplares bonitos que cá tenho.

E' d'um colorido raro, em verde e vermelho côr de sangue coalhado. Os quadros: 2 de Panini — onde vêmos ruinas da velha Roma, quadros de genero; Panini é o grande pintor das architecturas extinctas e demolidas.

Aqui, como na sala de jantar, ha dois quadros de Tivoli, em que se exhibem paisagens accidentadas, ravinas e barrancos, floresencias adustas, sob uma luz propria e exacta.

N'um dos cantos, Diaqué assigna um quadro, explorando um effeito de luz, pela tarde invernosa, n'um dos *boulevards* parisienses: figurinhas de seducção e vicio palmilhando a lama, sob insistentes cordas d'agua. O nosso interlocutor diz-nos:

— Comprei-o no leilão do Daupias. Pareceu-me curioso!

Por toda esta saleta: cadeiras de espaldar alto forradas a seda vermelha.

*

Para um corredor de passagem, contiguo á sala d'onde sahimos abre-se uma escadaria que conduz á galeria do primeiro andar. Ao alto, a luz entra atravez um vitral de Delon, rico de colorido, o que faz com que a claridade do dia invernico seja menos aggressiva. N'este vestibulo, entre plantas, vimos um armario hollandez, defrontando com um contador portuguez de pau santo, e uma meza Luiz XIV, muito semelhante, na ornamentação, aos frisos decorativos dos espelhos D. João V. Galga-se a escadaria, e logo surprehendemos um contador hispano-arabe, em teca, de ferragens sobrepostas

n'um fundo de velludo carmezim. Ha ainda um relogio antigo de charão, cadeiras da China, arcas de charão, e uma estatueta em bronze, com a data de 1757.

N'um dos desvãos, ha um outro contador hispano-arabe.

*

Agora, proseguindo na visita, n'este andar nobre do palacete ha uma serie de salões, de que apenas faremos um relato breve, pois que a enumeração completa de tudo tiraria a estas chronicas o caracter de impressões pa-

ESCADA PRINCIPAL

ra ficarem apenas sendo um catalogo.

N'uma das salas ha duas magnificas commodas, Luiz XIV e Luiz XV, com ricas ferragens cinzeladas, uma secretaria franceza, elegante, em *marqueterie*, espelhos D. João V, cadeiras Luiz XVI, Luiz XV. Depois, é uma sala Luiz XVI, quasi toda obtida no leilão Fóz. Na parede uma gravura celebre de Morgheen.

*

A sala de visitas, ampla, é rica de documentos artisticos. Ao fundo, um biombo alto, chinez, mas com pinturas portuguezas. Ha um lindo tremó com alçado, duas commodas de *marqueterie*, jarras da India, bronzes de Mena, Loongepiel, e mobilario Luiz XV. E' enorme a galeria de quadros: um da escola hollandeza, um attribuido a Tenier, 1 de Rosa Tivcoli, dois attribuidos a Van Ostade, 1 da escola flamenga, outro de Sequeira, principaes entre uma collecção de valia.

Sobre o tremó vêem-se figurinhas de *biscuit* e Saxe (que pertenceram a Fernando Palha) e algumas de Sevres.

Rapidamente, estamos n'outra sala; aqui, dois qua-

dros de Annunciação, uma marinha de Keil, uma de Bourguignon, de Annunciação ainda um outro, de Metrass, de Manuel da Rocha, e essa miniatura celebre de Bordallo Pinheiro, pae d'essa actual familia de artistas: o *Bibliothecario*.

Este quadro em tudo semelhante, pelo seu colorido, a um quadro da escola hollandeza, é uma obra deliciosa.

Columbano Bordallo Pinheiro — outro grande pintor — queria possuir no *atelier* um quadro de seu pae, e, propoz trocas com o Conde de Sabrosa. O incidente foi-nos contado, e o nosso interlocutor que, como dissemos, dia a dia augmenta a sua já vasta galeria, recusou, porque d'esse artista morto é a unica prova que possue.

N'uma saleta de passagem ha tambem algumas gravuras de Goya, e sobre as mezas bronzes, estatuetas, novos *bibelots*, pequeninas obras primas d'essa arte decorativa a que apenas os requintados ligam affecto, dado o fundo mercantil da epoca, ingrata a concepções artisticas.

Nota-se n'esta galeria a grande noção da arte levada ao estado d'uma verdadeira paixão, o que mostra bem as brilhantes faculdades d'artista do sr. Conde de Sabrosa.

*

Despedimo-nos, ao cahir triste da tarde, e do jardim vinha-nos o alvoroço infantil da creança loura, d'um louro flavo, que proseguia brincando e rindo, indo e vindo, indocil como convem á sua edade. E sahimos, pensando na paz d'aquelle lar, n'aquelle *interior* artistico, a que não falta nem a felicidade, nem os sorrisos garrulos das creanças...

SANTOS TAVARES.

GABINETE DA SR.ª CONDESSA

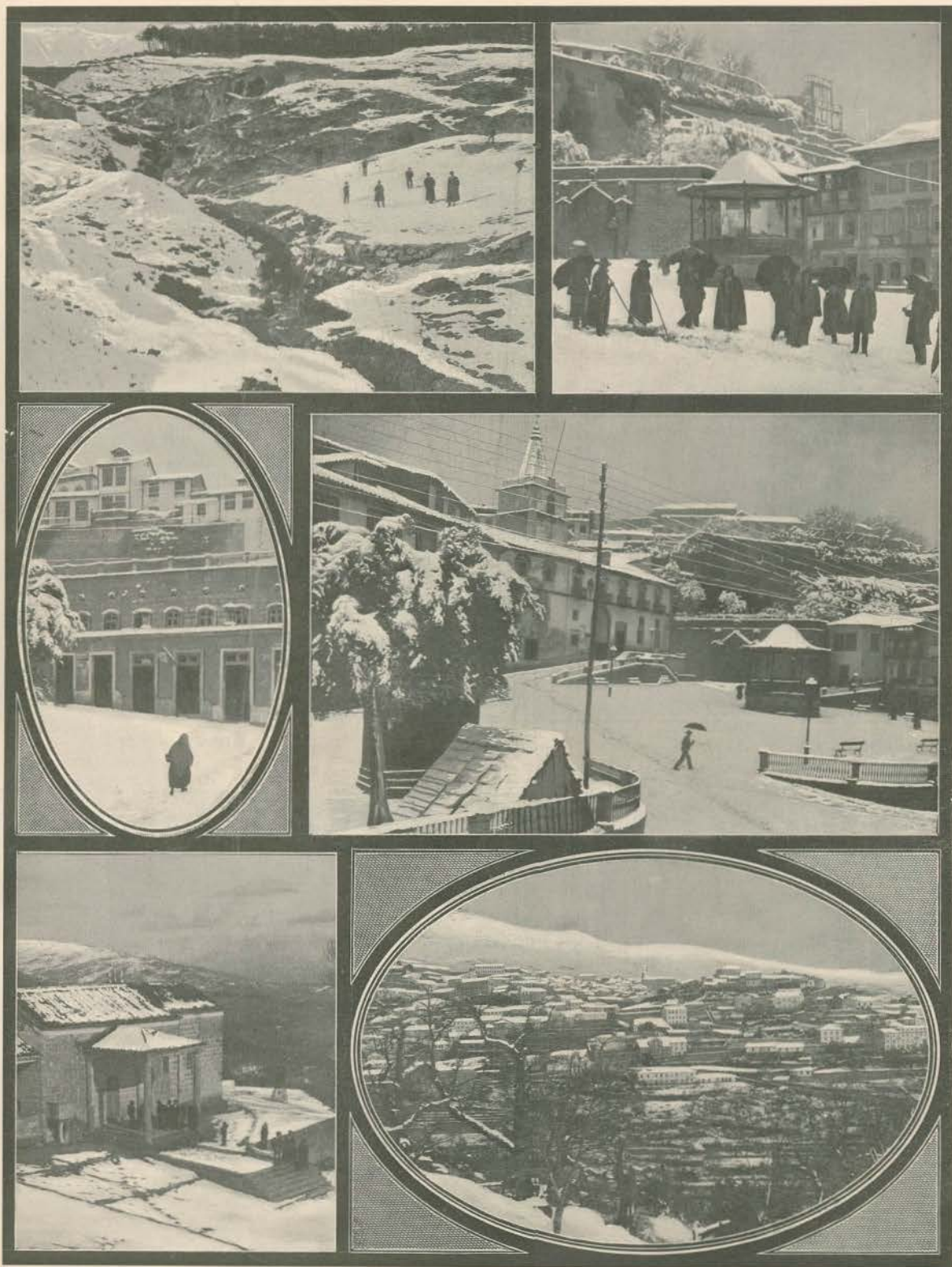
UMA GALERIA

A INAUGURAÇAO DO CAMINHO DE FERRO DE SANT'ANNA A VENDAS NOVAS EM 17 DE JANEIRO COM A ASSISTENCIA DE S. M. EL-REI

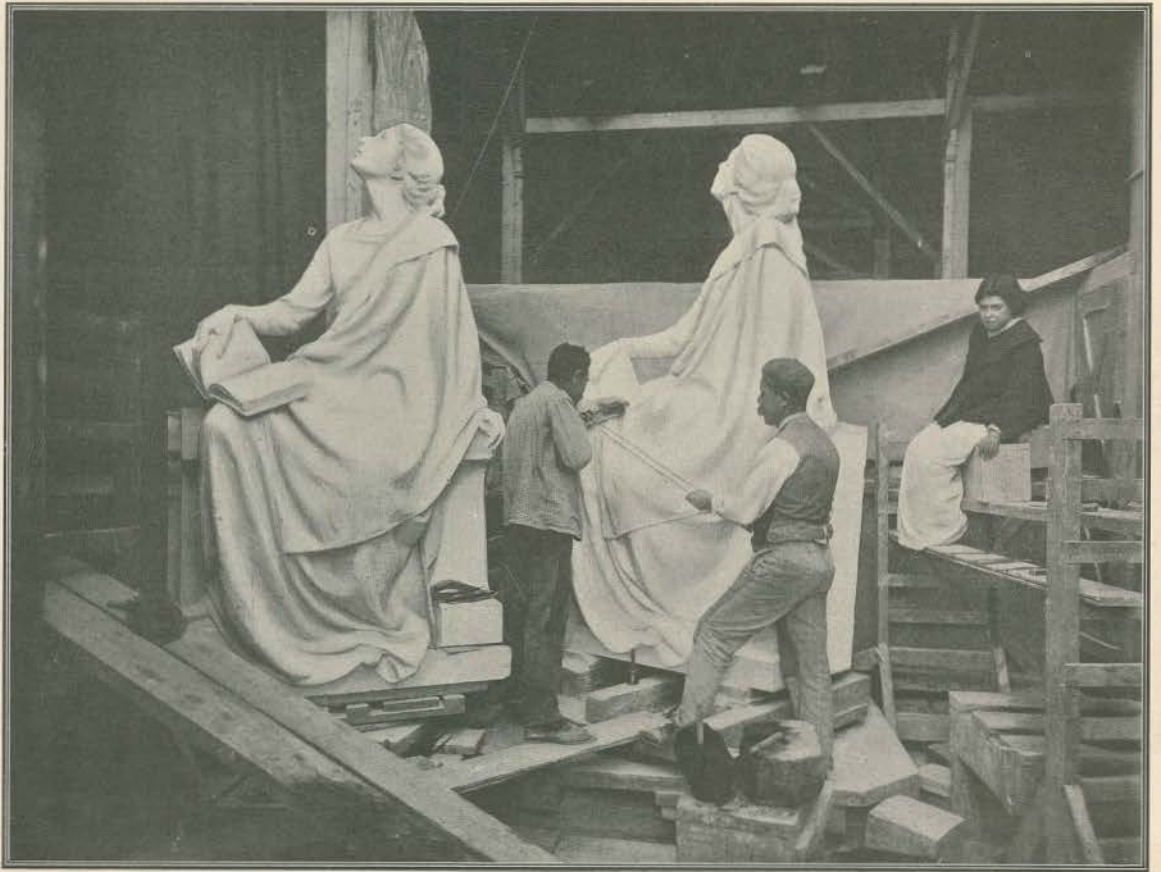
UMA CAVALGADA COMPOSTA PELOS CAMPINOS DOS LAVRADORES DE CORUCHE SRS. LUIZ E ALBERTO PATRICIO, JOAQUIM REBELLO D'ANDRADE, MANUEL DOS SANTOS, J[illegible] E ANTONIO RIBEIRO, MANUEL DUARTE LARANJO, RIBEIRO TELLES, DR. JOSÉ GUIZADO E VISCONDE DE CORUCHE, ACOMPANHANDO O COMBOIO ATÉ Á PONTE DE SORRAIA

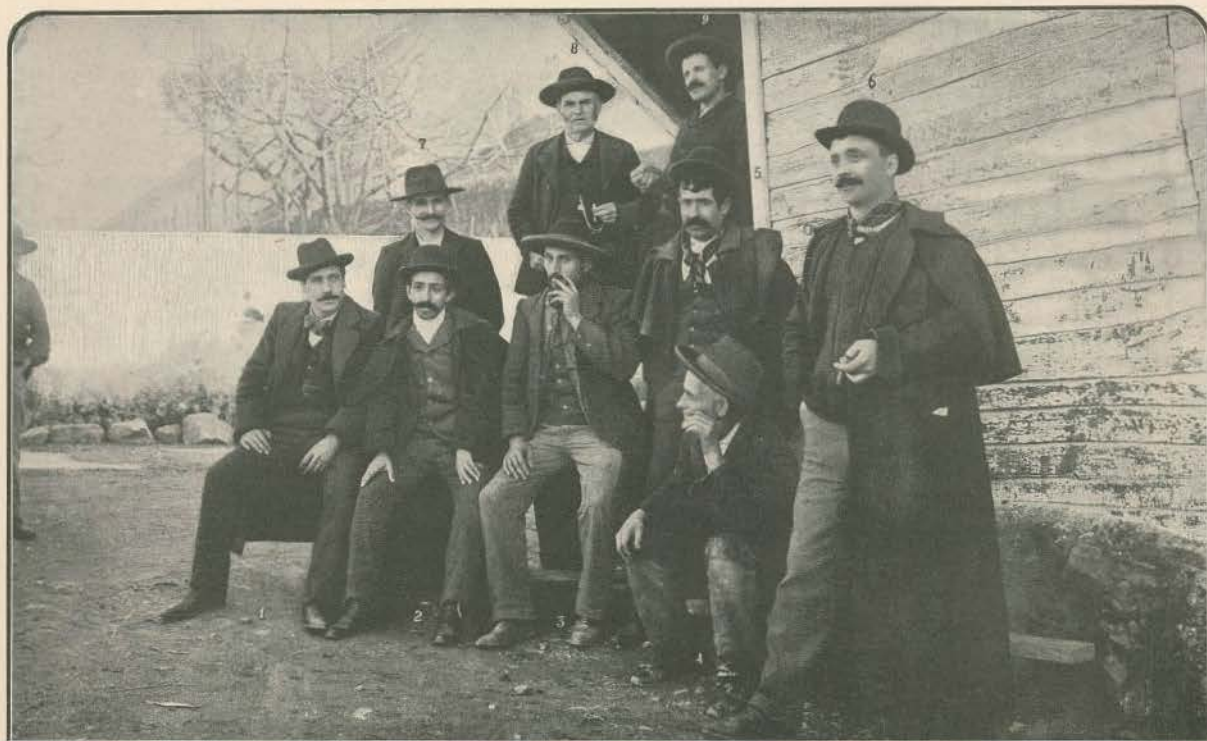
A DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS AOS ALUMNOS PROTEGIDOS PELA ASSOCIAÇÃO JOSÉ VICTORINO DAMASIO, N'UMA SALA DO INSTITUTO INDUSTRIAL EM 14 DE JANEIRO

Esta associação foi instituida para fornecer livros aos estudantes pobres e premiar todos os annos os seus subsidiados que mais se distingam nas aulas do Instituto Industrial e nas das Escolas Industriaes.

Os premios pecuniarios denominam-se Julio Cesar Machado, em memoria do fallecido escriptor, e foram ganhos este anno pelos estudantes José Manuel Machado, Victor Fernandes Veiga e Antonio Maria Pires.

UMA NEVADA NA COVILHA

A VISTA GERAL DA SERRA: VERTENTE DA COVILHÃ—A PRAÇA DO MUNICIPIO—A PRAÇA DA HORTALIÇA—A PRAÇA DO MUNICIPIO: ORIENTE E NORTE—CAPELLA DE SANTA CRUZ, A MAIS ANTIGA E RICA NO GENERO—VISTA GERAL DA CIDADE

(Photographias cedidas pelo ex.mo sr. Antonio Franco)

NO ATELIER DO ESCULPTOR COSTA MOTTA — OS ULTIMOS RETOQUES NA ESTATUA DA ACADEMIA

O INTERIOR DO ATELIER DO ESCULPTOR COSTA MOTTA, NA ANTIGA CERCA DO CONVENTO DE JESUS ONDE FOI TRABALHADA A ESTATUA DA ACADEMIA QUE DEVE FAZER PARTE DO MONUMENTO AO FALLECIDO MEDICO SOUZA MARTINS

UM GRUPO DE GRÉVISTAS NAS TERRAS DO ROLÃO EM SANTO AMARO — A COMMISSÃO DE VIGILANCIA COMPOSTA PELOS SRS.: 1 EDUARDO PINTO DE SOUZA, 2 JOÃO PEREIRA, 3 ANTONIO CAÇADOR, 4 JORGE DE CARVALHO, 5 JOSÉ VICTORINO, 6 ANTONIO ALFARO, 7 FRANCISCO CORREIA, 8 EDUARDO DA SILVA LISBOA E 9 JOSÉ ANTONIO

ASPECTOS DA GREVE DOS OPERARIOS DAS OFFICINAS DA EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

Constando aos operarios que alguns dos seus se iam apresentar ao trabalho, os grévistas em numero de 400 reuniram-se nas terras do Rolão, em frente da fabrica, no dia 18 de janeiro, a fim de assistirem á sahida dos transigentes. Estes operarios reclamam a demissão dos mestres estrangeiros, por irregularidades commettidas, e manteem-se em greve ha perto de dois mezes.

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Agora me lembro da

LENDA DOS SETE DORMENTES

No monte de Pion, além, está a caverna dos sete dormentes. Haverá talvez mil e quinhentos annos, que viviam perto uns dos outros em Epheso sete rapazes, os quaes pertenciam á desprezada seita dos christãos.

Ora, succedeu que o bom rei Maximiliano (este caso é para meninas e meninos pequenos) succedeu, digo, que o bom rei Maximiliano deu em perseguir os christãos, e, andando o tempo, semelhante situação tornou-se muito difficil para elles. Foi por isso que os sete rapazes disseram uns para os outros: — Vamos viajar. — Não tardaram em se despedir de seus paes e mães e das pessoas da sua amizade. Levaram apenas comsigo algumas moedas que seus paes possuiam, e roupas, que eram dos seus amigos, pelas quaes se pudessem lembrar de elles, quando estivessem muito longe; e tambem levaram comsigo o cão Ketmehr, que era do seu visinho Malco, porque o animal tinha mettido a cabeça n'um nó corredio, que um dos rapazes levava descuidadamente, e a elles faltava-lhes o tempo para o soltar; e levaram tambem uns pintos que pareciam estar solitarios nas capoeiras proximas, egualmente algumas garrafas de apreciaveis licores, que estavam ao pé da janella do merceeiro; e sahiram então, da cidade. Pouco depois chegaram a uma admiravel caverna no monte de Pion, entraram n'ella e banquetearam-se, e sem demora partiram novamente. Mas esqueceram-se das taes garrafas de licores, que lá ficaram. Correram muitas terras, e tiveram muitas aventuras extraordinarias. Eram rapazes virtuosos, e não perdiam nenhuma occasião de tratar da sua vida. O seu lemma encerrava-se n'estas palavras, a saber: «A dilação rouba o tempo.» De maneira que, quando davam com um homem que estava só, diziam: Olhae, esta pessoa tem com que — vamos ter com ella. E iam ter com ella. Ao cabo de cinco annos sentiram-se fatigados de viagens e de aventuras, e suspiravam para tornar a ver a sua antiga casa e ouvir as vozes e ver os rostos d'aquelles que lhes eram caros á sua mocidade. Por consequencia, juntaram-se aos ranchos que encontraram no seu caminho por esse tempo, e regressaram a Epheso. Porque o bom rei Maximiliano se tinha convertido á nova fé, e os christãos jubilavam por não serem já perseguidos. Um dia, ao cahir da tarde, entraram na caverna no monte de Pion, e disseram uns para os outros: Vamos dormir aqui, e, quando romper a manhã, haja festa e alegria com os nossos amigos. Entraram e, cousa notavel, as garrafas dos extranhos licores lá estavam onde elles as tinham deixado, e julgaram que o tempo não lhes tinha prejudicado a excellencia. No que todos tinham razão, e cada qual bebeu seis garrafas; e, como se sentissem muito cançados, deitaram-se e dormiram profundamente.

Quando acordaram, um d'elles, João — denominado Smithiano — disse: Estamos nus. Do seu vestuario não ficara vestigio nenhum, e o dinheiro que elles tinham obtido de um extranho com quem haviam tratado, quando já estavam proximo da cidade, jazia no chão, carcomido, enferrujado, e nem parecia o mesmo. Egualmente se tinha sumido o cão Ketemehr, e apenas existia o metal que tinha a sua colleira. Ficaram muito pasmados d'essas cousas. Mas arrecadaram o dinheiro, cobriram-se de folhas, e subiram ao alto do monte. Ficaram então perplexos. Havia desapparecido o maravilhoso templo de Diana; erguiam-se na cidade muitos edificios grandes, que elles nunca tinham visto; pelas ruas andavam homens com trajos extravagantes, e tudo estava mudado.

João disse: Quem dirá que isto é Epheso? Comtudo, aqui está o grande gymnasio, o amplissimo theatro em que eu vi setenta mil pessoas reunidas; aqui está o A'gora: lá está a fonte, em que o santificado João Baptista mergulhou os convertidos; além, o carcere do bom S. Paulo, onde nós todos costumavamos tocar as antigas cadeias, que o prenderam, e curarmos as nossas doenças; vejo o tumulo do discipulo Lucas, e lá muito longe está a egreja, em que descançam es restos mortaes do santo João, onde os christãos de Epheso vão duas vezes cada anno colher o pó do tumulo, que sara os doentes e purifica a alma do peccado; mas vêde como os caes avançam pelo mar dentro, e que grande quantidade de navios estão ancorados na bahia; vêde tambem como a cidade se tem estendido, por aquelle valle que se alonga para além do Pion, e até na direcção dos muros de Ayaasalook; e, ainda mais! todos os montes estão brancos de palacios, e ornados de columnatas de marmore. Quão grande se tornou Epheso!

E, cheios de assombro do que os seus olhos tinham visto, desceram para a cidade, compraram fato, e vestiram-se. E, quando elles se retiraram, o mercador mordeu com os dentes as moedas que elles lhe tinham dado,

voltou-as e examinou-as com todo o cuidado, e atirou-as para o contador, escutando se ellas tiniam; e então disse: Isto é falso. E elles disseram: Anda lá para Hades, e seguiram o seu caminho. Quando chegaram ás suas casas, reconheceram-nas, posto que lhes parecessem velhas e baixas, e ficaram muito contentes e satisfeitos. Correram ás portas, bateram, pessoas extranhas vieram abrir, reparando n'elles com muita curiosidade. E, no meio de grande excitação, com o coração a bater com força, e a côr a assomar ao rosto e a fugir d'elle, elles diziam: Onde está meu pae? Onde está minha mãe? Onde estão Dionysio e Serapião, e Pericles e Decio? E as pessoas, que tinham vindo á porta, respondiam: Não sabemos quem sejam. E os sete diziam: Ora essa! Vós não os conheceis? Ha quanto tempo aqui moraes, e para onde foram aquelles que habitaram aqui antes de vós? E os outros replicavam: Estaes brincando comnosco, mancebos; nós e nossos paes temos vivido debaixo d'estes tectos ha seis gerações; os appellidos que pronunciaes apodrecem nos tumulos, e os que usaram d'elles passaram a sua curta existencia, riram e cantaram, padeceram as tristezas e os tedios, que lhes couberam em sorte, e estão em repouso: durante cento e oitenta annos os estios teem vindo e teem-se ido, e as folhas do outomno cahiram desde que as rosas murcharam nas suas faces, e elles as puzeram a dormir com os mortos.

Então os sete rapazes foram-se das suas casas, e os inquilinos fecharam as po tas apoz elles, que cá fóra se admiravam muito, e olhavam para os rostos de todos que encontravam, na esperança de topar alguem que conhecessem; mas todos lhes eram extranhos, e passavam junto d'elles sem proferir uma palavra amigavel. Estavam cheios de profunda magua e tristeza. A um cidadão perguntaram: Quem é rei em Epheso? E elle respondeu-lhes: D'onde vindes vós que ignoraes que o grande Laertius reina em Epheso? Olharam uns para os outros grandemente perplexos, e logo perguntaram outra vez: — Pois então onde é que está o bom rei Maximiliano? O cidadão desviou-se, como quem tem medo, e disse: — Na verdade, estes homens estão doidos e andam a sonhar, senão haveriam de saber que o rei de quem falam já morreu ha mais de duzentos annos.

Então cahiram as escamas dos olhos dos sete, e um disse: — Ai! que bebemos dos taes bons licores, e n'um somno sem sonhos decorreram estes dois longos seculos. As nossas casas estão na desolação, os nossos amigos extinctos. Acabou-se a festa — só nos resta morrer. E n'esse mesmo dia foram para fóra da cidade, extenderam-se no chão e morreram. E os nomes que estão nas suas sepulturas, até o dia de hoje, são João Smithiano, Trombetas, Prenda, Alto, Baixo, João e o Jogo. (¹) E com os dormentes jazem tambem as garrafas, em que se continham os licores, e n'ellas estão escriptas em caracteres antigos palavras como estas — nomes de divindades pagãs da edade do ouro, talvez: Rumpunch, Jinsling, Egnog.

Tal é a historia dos sete dormentes (com ligeiras variantes), e sei que ella é verdadeira, porque eu proprio vi a caverna.

Na realidade, os antigos tiveram tão viva fé n'esta lenda que, ainda ha oitocentos ou novecentos annos, viajantes instruidos consideravam a caverna com um temor supersticioso. Dois d'elles deixaram memoria de que se arriscaram a entrar n'ella, mas logo sahiram depressa, não ousando demorar-se com receio de adormecerem e sobreviverem aos seus bisnetos um seculo ou cousa assim. Ainda agora os ignorantes moradores da região proxima preferem não dormir lá.

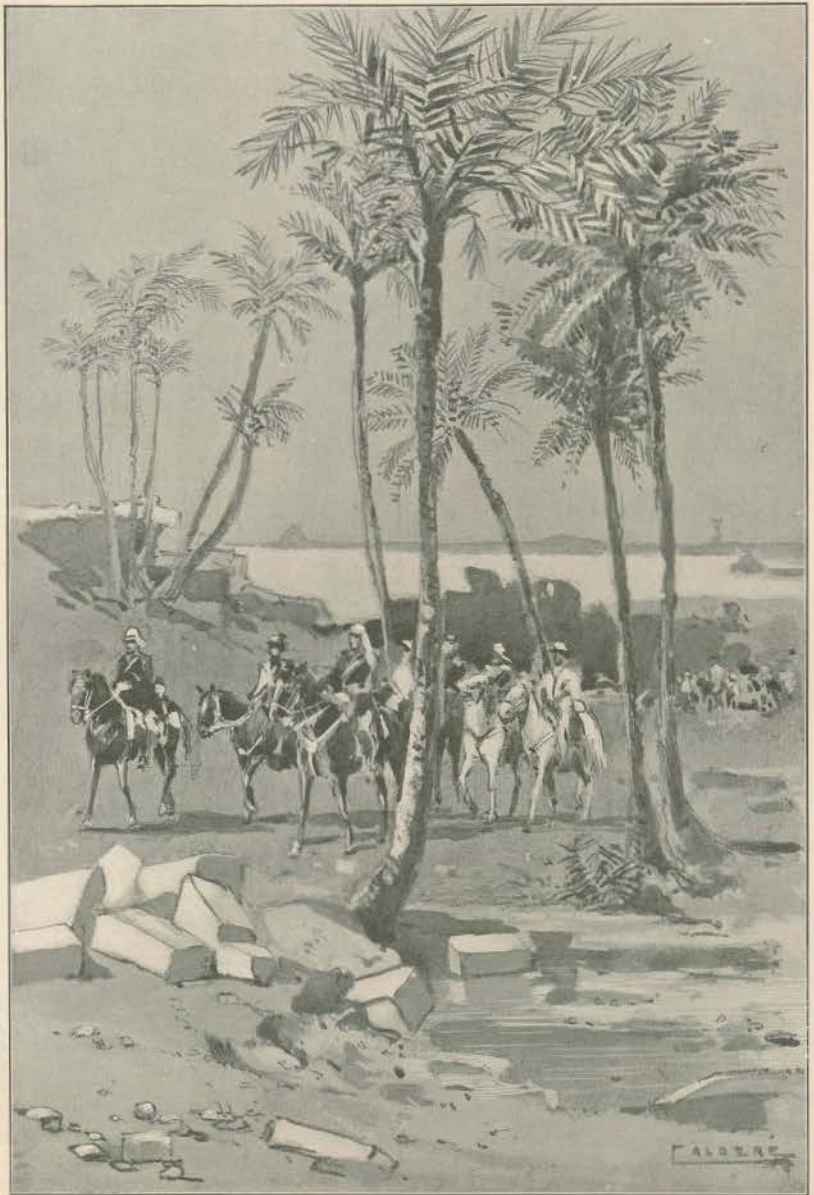
X

Vandalismo prohibido — Os peregrinos zangados — Na proximidade da Terra Santa — A «nota aguda» da preparação — Dissabores por causa dos drogmans (²) e transportes — A «longa volta» adoptada — Na Syria — Algumas palavras a respeito de Beirouth — Um specimen escolhido de um «Ferguson» grego — Provisões

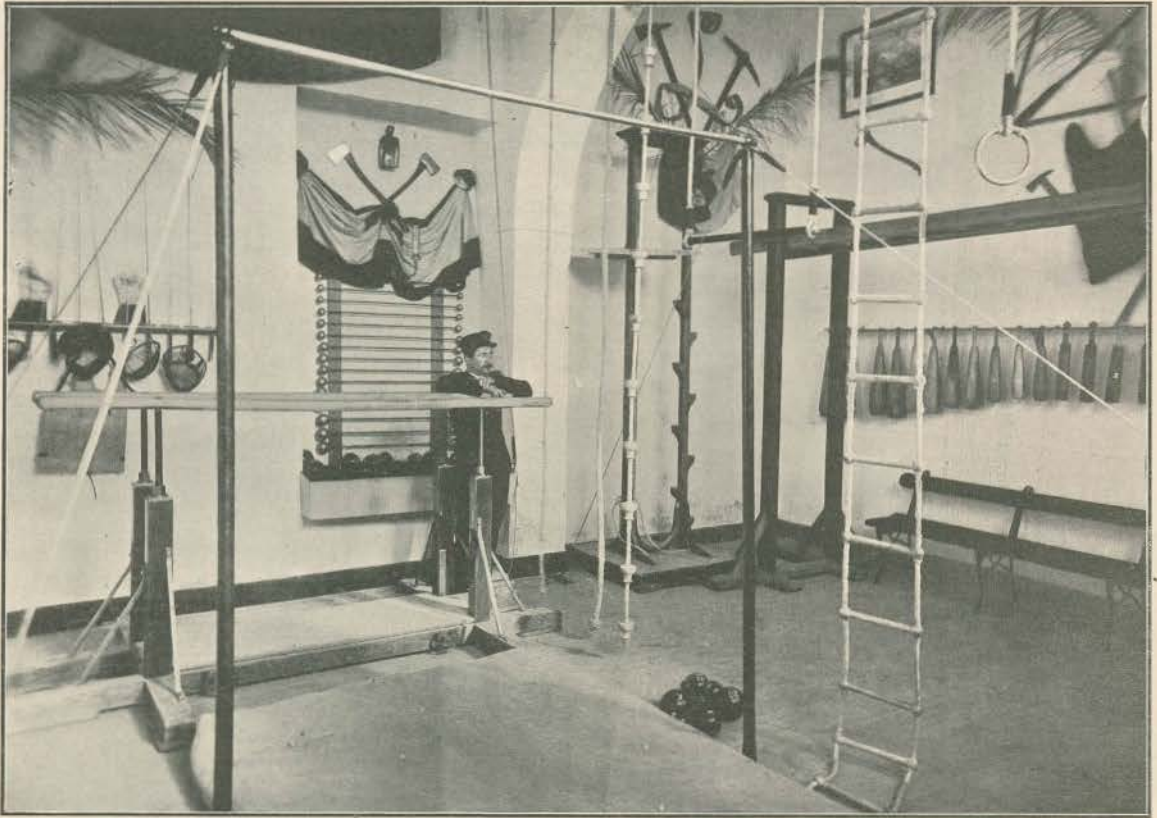
Quando pela ultima vez fiz um memorandum, estavamos em Epheso. Agora estamos na Syria, acampados nas montanhas do Libano. Foi longo o interregno, assim quanto ao tempo como quanto á distancia. Não trouxemos uma reliquia de Epheso! Depois de termos colhido fragmentos de marmore lavrado, e partido ornamentos do interior das mesquitas; e depois de os termos trazido á custa de infinito incommodo e fadiga, cinco milhas em mulas, até aos armazens do caminho de ferro, um empregado do governo obrigou a todos que possuissem taes cousas a entrega-las. Recebeu ordem de Constantinopla para *vigiar o nosso grupo*, e verificar que não levassemos nada de lá. Era uma sabia, justa e bem merecida advertencia, mas causou abalo. Nunca resisto á tentação de saquear os haveres de um extrangeiro sem me sentir insupportavelmente vaidoso por esse motivo. D'esta vez não ha expressão que signifique o orgulho de que me senti possuido. Estava sereno no meio dos gritos e invectivas contra o governo ottomano pela affronta feita a um grupo de cavalheiros e damas absolutamente respeitaveis, que viajavam para recreio. Eu disse: «As nossas almas são livres, isso não é comnosco!» O doesto não só vexou o nosso grupo, mas vexou-o muito: um dos maiores padecentes descobriu que a ordem imperial vinha inclusa n'um sobrescripto que tinha o sêllo da embaixada britannica, e portanto deve ter sido inspirado pelo representante da rainha. Ora isto era mau — muito mau. Partindo só dos turcos, podia ter significado apenas o odio musulmano aos christãos, e uma ignorancia vulgar dos methodos delicados de o exprimir; mas partindo da christã, educada e politica legação britannica indicava simplesmente que eramos uma especie de cavalheiros e damas, que tinham de ser vigiados! Foi assim que o grupo tomou o caso, e por esse motivo se exasperaram. A verdade, sem duvida, era que as mesmas precauções se deveriam adoptar contra *quaesquer* viajantes, porque a companhia ingleza, que tinha o direito de fazer excavações em Epheso, e havia pago uma grossa quantia para o adquirir, precisava de ser protegida e merecia se-lo. Não estão para correr o risco dos viajantes abusarem da sua hospitalidade, especialmente desde que os viajantes são tão notaveis desprezadores do procedimento digno.

Largámos de Smyrna, com o animo abrazado em expectativa, porque a feição principal, o grande objectivo da expedição, estava muito perto — approximavamo-nos da Terra Santa! Tanto barafustar no porão em busca dos bahus, que ali tinham estado sepultados durante semanas e até mezes; tantas idas e voltas á pressa no convez e na coberta; tamanha balburdia de enfardelar; tal revolução nos beliches com camisas e saias, e objectos indescriptiveis e inclassificaveis; tanto fazer e desfazer pacotes, e pôr de parte guardasoes, oculos verdes, e véos espessos; tal miudo exame de sellins e redeas que nunca haviam servido; tal limpar e carregar revolvers, e examinar facas de matto; tal deitar fundilhos nas calças com pello de gamo ainda aproveitavel; depois a consulta de mappas antigos; a leitura da Biblia e de viagens na Palestina; o marcar as estradas; tantos esforços desesperados para separar o nosso agrupamento em pequenos bandos de espiritos congeneres, que pudessem fazer sem discordia a longa e ardua jornada; e de manhã, de tarde e á noite, tantas reuniões nos camarotes, tamanho discursar, tantos conselhos avisados, tanta apoquentação, tanta questão, e um tão geral e incommodo levantamento, nunca se tinham visto a bordo!

FOLHETIM N.º 11

(Continúa)

(¹) Estes nomes são phantasiados, pois que os sete dormentes se chamavam: Malco, Maximiano, Marciano, Dionysio, João, Serapião e Constantino.

(²) «A palavra drogman, diz a illustre escriptora napolitana Mathilde Serrao, deveria significar estrictamente «interprete»; mas do Egypto ás costas da Syria toma uma significação mais lata e acaba por exprimir as qualidades reunidas de um interprete, de um *cicerone*, de um guia e até de um amigo.»

(Notas do trad.)

A NOVA SALA DE GYMNASTICA DOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE LISBOA, INAUGURADA EM 17 DE JANEIRO NA ASSOCIAÇÃO NO LARGO DO QUINTELLA

CHRONICA ELEGANTE

Vae longe o tempo em que o cumulo do luxo consistia n'um vestido de seda de côr vistosa, que se exhibia em plena rua, nos dias de festa, acompanhado pelo classico châle-manta ou *cachemire*, ou então pelo châle de Tonkin nas grandes occasiões.

Actualmente a seda só por si é banal; usa-se, mas não se vê.

Figura 1

A *toilette* de passeio elegante, assim como todas as outras, leva muita seda, nos forros, nos *dessous*, ouve-se o seu suggestivo *frou-frou*, presente-se que sem ella as saias não desenvolveriam a linha *évasée*, tão distincta e airosa, os corpos não ajustariam tão suavemente os cabeções, os casacos não deslisariam tão facilmente sobre os bustos, sente-se emfim que sem ella não póde existir a verdadeira elegancia, mas, como as boas fadas dos contos infantis, ella preside a todos os destinos da *toilette*, mostrando bem que é indispensavel e occultando-se com a maior modestia.

Figura 2

O traje de passeio moderno, quasi sempre de panno ou *lainage*, é, na apparencia simplicissimo; as guarnições de galões, *passementeries*, são distribuidas com toda a parcimonia, mas só n'um rapido movimento do busto ou d'um braço entrevê-se o forro da *jaquette* ou da manga aberta feito de elegantissima seda de côr viva e clara; o vestido levemente levantado deixa apparecer a *doublure* egualmente sumptuosa e as saias de baixo completam este *ensemble* da mais requintada distincção e bom gosto.

Uma das côres mais modernas é a *coq-de-roche* ou *orange brulée*; calcula-se que o seu colorido é em demasia *berrante*, por isso só se emprega como guarnição, e sempre com a maxima reserva, ou então como *dessous* para tecidos transparentes principalmente de renda ou tulle preto com *paillettes clair de lune*, produzindo bom effeito.

Além das *paillettes*, perolas e guarnições vistosas de todo o genero que se adoptam nos vestidos de noute, vê-se agora muito as lascas de coral que até aqui se enfiavam vulgarmente para fios de pescoço ou pulseiras.

Com estes pedacinhos de coral, artisticamente dispostos, bordam-se arabescos, grinaldas, *bordures* de delicioso effeito sobre tecidos claros. As franjas de contas, *paillettes* pequenas, meias luas e pingentes são tambem um ornato apreciado, para *berthes* e mangas dos corpos de baile, scintillando por entre as ondas de renda, gaze e tulle.

Outro elemento de *toilette* em que se exhibem actualmente maravilhas é o *tea-gown*, traje ha annos completamente desconhecido. O *tea-gown*, solto como um vestido de casa, é luxuoso como a mais rica *toilette* de noute. Usam-se com elle as mais finas rendas, as mais esplendidas joias, e tudo quanto a mais apurada phantasia possa suggerir, menos. . as luvas.

E' a *toilette* do chá das cinco horas, a *toilette* apparatosa para receber, que tem apenas como revesso da medalha a imposição de ser substituida para o jantar de cerimonia, que já pede *toilette* de noute.

Fig. 1 — *Tea-gown* em velludo azul saphyra guarnecido de tulle e largas rendas Malines. *Aigrette* de joias no penteado.

Fig. 2 — *Toque* escosseza Ó Shanter. Fundo em *tartan* escossez, aba de martha zibelina e duas pennas de faisão.

Fig. 3 — *Toilette* de panno *brun ours* com galões da mesma côr e estreito colete em velludo *coq-de-roche*. Gravata de gaze *orange*. *Toque* de feltro com azas de pennas *irisées*.

Figura 3